

USO NÃO MÉDICO DE PSICOESTIMULANTES POR UNIVERSITÁRIOS: MOTIVAÇÕES, RISCOS À SAÚDE E DESEMPENHO ACADÊMICO

Luiz Henrique Ferreira Lima¹;

¹Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAR), Parnaíba, Piauí.

<http://lattes.cnpq.br/2787368888690109>

Gabrielle Rios Rodrigues Pires²;

²Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAR), Parnaíba, Piauí.

<https://lattes.cnpq.br/3036756175317448>

Sávio Augusto Carvalho Teixeira³;

³Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAR), Parnaíba, Piauí.

<http://lattes.cnpq.br/0842994002262789>

Lohanny Cristina Lima da Silva⁴;

⁴Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAR), Parnaíba, Piauí.

<http://lattes.cnpq.br/6112681129154278>

Camila Freitas Aguiar Oliveira⁵;

⁵Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU), Parnaíba, Piauí.

<http://lattes.cnpq.br/7283444923031671>

Erica Veronica da Silva Feitosa⁶;

⁶Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAR), Parnaíba, Piauí.

<http://lattes.cnpq.br/3649326688821596>

Maria Caroline da Silva Nascimento⁷;

⁷Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAR), Parnaíba, Piauí.

<https://lattes.cnpq.br/5965693729023486>

Cíntia Évelyn dos Santos Oliveira⁸;

⁸Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAR), Parnaíba, Piauí.

<http://lattes.cnpq.br/3993629655185058>

Luana Beatriz da Silva Brito⁹;

⁹Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAR), Parnaíba, Piauí.

<http://lattes.cnpq.br/5391046845201596>

Geovanna dos Santos e Silva¹⁰;

¹⁰Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAR), Parnaíba, Piauí.

<https://lattes.cnpq.br/6002234387754861>

Ana Beatriz Nascimento da Silva¹¹;

¹¹Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAR), Parnaíba, Piauí.

<http://lattes.cnpq.br/5989920626084655>

Matheus Lima Serejo¹²;

¹²Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU), Parnaíba, Piauí.

<http://lattes.cnpq.br/8201896208126023>

Eunaihara Lígia Lira Marques¹³.

¹³Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAR), Parnaíba, Piauí.

<http://lattes.cnpq.br/1471247566395176>

RESUMO: O uso não médico de psicoestimulantes por universitários tem sido relacionado à tentativa de ampliar a concentração, prolongar a vigília e atender às exigências acadêmicas. Este estudo analisou evidências recentes sobre as motivações, os riscos à saúde e as repercussões dessa prática no desempenho acadêmico. Realizou-se uma revisão integrativa da literatura nas bases PubMed/MEDLINE, BVS, LILACS e SciELO, com inclusão de estudos publicados entre 2020 e 2026 em português, inglês ou espanhol. Quinze artigos compuseram a síntese. Os resultados indicam que as razões acadêmicas predominam, sobretudo a busca por foco, energia e maior tempo de estudo. Entretanto, o uso não prescrito também se associa a insônia, redução do apetite, agitação, manifestações cardiovasculares, sofrimento psíquico e consumo concomitante de outras substâncias. A literatura não demonstra benefício acadêmico objetivo consistente; estudo experimental recente não encontrou melhora na nota nem na aprovação após o uso de metilfenidato. Conclui-se que a percepção de produtividade não equivale necessariamente à melhor aprendizagem, reforçando a necessidade de educação em saúde, uso racional de medicamentos e apoio institucional aos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Cognição. Automedicação. Aprendizagem.

NON-MEDICAL USE OF PSYCHOSTIMULANTS BY UNIVERSITY STUDENTS: MOTIVATIONS, HEALTH RISKS, AND ACADEMIC PERFORMANCE

ABSTRACT: The non-medical use of psychostimulants by university students has been associated with attempts to increase concentration, extend wakefulness, and meet academic demands. This study analyzed recent evidence on motivations, health risks, and the effects of this practice on academic performance. An integrative literature review was conducted in PubMed/MEDLINE, BVS, LILACS, and SciELO, including studies published between 2020 and 2026 in Portuguese, English, or Spanish. Fifteen articles were included in the synthesis. Academic reasons predominated, especially the search for focus, energy, and longer study periods. However, non-prescribed use was also associated with insomnia, reduced appetite, agitation, cardiovascular symptoms, psychological distress, and the concurrent use of other substances. The literature does not show a consistent objective academic benefit; a recent experimental study found no improvement in grades or passing rates after methylphenidate use. The perception of greater productivity therefore does not necessarily correspond to improved learning, highlighting the need for health education, rational medication use, and institutional support for students.

KEYWORDS: Cognition. Self-medication. Learning.

INTRODUÇÃO

O ambiente universitário reúne exigências acadêmicas, adaptação social, cobrança por produtividade e necessidade de conciliar prazos, avaliações e outras responsabilidades. Nesse cenário, alguns estudantes recorrem a psicoestimulantes prescritos na expectativa de aumentar a concentração, reduzir a fadiga e ampliar o tempo disponível para estudar. A literatura utiliza expressões como uso não médico, uso não prescrito ou uso inadequado para designar o consumo sem indicação profissional, a utilização de medicamento obtido de terceiros ou o emprego de dose, frequência ou finalidade diferentes daquelas recomendadas.

Metilfenidato, sais de anfetamina e outros agentes estimulantes possuem indicações clínicas estabelecidas, especialmente no tratamento do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade. O uso terapêutico, quando baseado em diagnóstico e acompanhado por profissional habilitado, não deve ser confundido com o consumo voltado ao aprimoramento cognitivo em pessoas sem indicação clínica. Essa distinção é necessária porque a discussão sobre o uso indevido não invalida os benefícios do tratamento corretamente prescrito.

Estudos recentes mostram que a ocorrência do uso não médico varia de acordo com o país, a instituição, o perfil da amostra e a própria definição adotada. A revisão sistemática de Sharif *et al.* (2021) identificou ampla heterogeneidade entre pesquisas com universitários e destacou que estimulantes prescritos figuram entre as substâncias empregadas como auxiliares de estudo. No Brasil, Rodrigues *et al.* (2021) observaram o uso não prescrito de

metilfenidato em estudantes de diferentes cursos da área da saúde, associado à busca por desempenho e ao manejo da sobrecarga acadêmica.

As motivações relatadas são predominantemente acadêmicas. Em uma amostra de estudantes de faculdades comunitárias, Mitchell *et al.* (2024) verificaram uso não médico em 9% dos participantes; entre os usuários, 67,5% apontaram o foco nos estudos ou a melhora do desempenho como motivo, e 52,4% relataram a procura por mais energia. Em universidades belgas, Sabbe *et al.* (2022) encontraram como razões frequentes o aumento da concentração e a tentativa de permanecer acordado por mais tempo. Esses dados sugerem que a prática se relaciona menos a uma finalidade isoladamente recreativa e mais à percepção de que o medicamento permite responder às demandas da graduação.

A expectativa de benefício, contudo, deve ser confrontada com os resultados objetivos. A sensação de maior disposição ou vigilância não garante melhor retenção do conteúdo, raciocínio mais preciso ou notas superiores. Além disso, o consumo sem acompanhamento expõe o estudante a efeitos adversos e a combinações potencialmente prejudiciais. Moreira *et al.* (2024) descreveram aquisição sem prescrição, uso concomitante de substâncias e sintomas como taquicardia, insônia e agitação. Assim, avaliar conjuntamente motivações, riscos e desempenho acadêmico é fundamental para orientar medidas de prevenção e promoção do uso racional de medicamentos.

OBJETIVO

Analisar as evidências científicas publicadas entre 2020 e 2026 sobre o uso não médico de psicoestimulantes entre estudantes universitários, com ênfase nas motivações para o consumo, nos riscos à saúde e nas implicações para o desempenho acadêmico.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, de abordagem qualitativa, natureza básica, caráter descritivo e procedimento bibliográfico, orientada pela seguinte questão: quais motivações estão associadas ao uso não médico de psicoestimulantes por estudantes universitários, quais riscos são descritos e em que medida essa prática repercute no desempenho acadêmico?

A busca bibliográfica foi realizada nas bases PubMed/MEDLINE, Biblioteca Virtual em Saúde, LILACS e SciELO em julho de 2026. Foram empregados descritores e termos livres em português e inglês relacionados a psicoestimulantes, estimulantes prescritos, metilfenidato, uso não médico, uso não prescrito, estudantes universitários, aprimoramento cognitivo e desempenho acadêmico, combinados pelos operadores booleanos AND e OR.

Foram incluídos artigos publicados entre 2020 e 2026, em português, inglês ou espanhol, que investigassem estudantes de graduação ou pós-graduação e abordassem prevalência, motivações, fatores associados, eventos adversos, saúde mental ou resultados acadêmicos relacionados ao uso não médico de psicoestimulantes. Também foram admitidos uma revisão sistemática diretamente pertinente ao tema e um estudo experimental com universitários saudáveis. Excluíram-se editoriais, cartas, textos de opinião, estudos sem população universitária e pesquisas restritas ao uso terapêutico conforme prescrição.

Após leitura de títulos e resumos, os textos potencialmente elegíveis foram avaliados na íntegra. Quinze artigos compuseram a síntese final. As informações foram organizadas conforme autoria, ano, delineamento, população, motivos de uso, riscos ou fatores associados e resultados acadêmicos. A análise narrativa foi estruturada em quatro eixos: ocorrência e motivações; contexto acadêmico e fatores associados; riscos à saúde; e efeitos sobre o desempenho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A prevalência encontrada nos estudos não é uniforme, o que impede a construção de uma estimativa única aplicável a todas as instituições. As diferenças decorrem do período avaliado, do tipo de estimulante incluído e dos critérios utilizados para definir uso inadequado. Ainda assim, as pesquisas convergem ao mostrar que o comportamento está presente em diferentes sistemas de ensino. Sabbe *et al.* (2022), em levantamento com 12.144 estudantes de seis universidades belgas, estimaram prevalência de uso indevido ao longo da vida de 4,5%. Mitchell *et al.* (2024), por sua vez, identificaram prevalência de 9% em estudantes de faculdades comunitárias norte-americanas.

A disponibilidade dos medicamentos no ambiente universitário também interfere no fenômeno. Sabbe *et al.* (2022) observaram que amigos e conhecidos da comunidade acadêmica constituíam uma fonte frequente de obtenção. Em análise nacional, Summit *et al.* (2025) verificaram associação positiva entre a prevalência institucional de tratamento medicamentoso para TDAH e o risco de uso inadequado de estimulantes. Esse resultado não questiona a prescrição indicada, mas evidencia a necessidade de prevenir compartilhamento, venda ou desvio de medicamentos.

No contexto brasileiro, Rodrigues *et al.* (2021) analisaram 696 estudantes de Bioquímica, Enfermagem, Farmácia e Medicina. O estudo mostrou que o consumo não prescrito se articulava a expectativas de aprimoramento cognitivo, sobrecarga de atividades e conhecimentos incompletos sobre segurança. Moreira *et al.* (2024), ao avaliarem universitários de diferentes cursos da saúde, também identificaram uso sem justificativa clínica e obtenção sem receita, indicando que o acesso informal permanece relevante.

A procura por concentração, energia e maior tempo de estudo aparece de modo consistente. Mitchell *et al.* (2024) mostraram predomínio de motivos acadêmicos, enquanto Sabbe *et al.* (2022) destacaram a melhora da concentração e a manutenção da vigília. Fairman *et al.* (2021) encontraram perfis distintos de usuários, mas confirmaram que razões acadêmicas coexistem com finalidades recreativas e com o consumo de outras substâncias. Portanto, a motivação não é homogênea e pode variar no mesmo indivíduo conforme a situação.

A relação entre pressão acadêmica e consumo exige interpretação cuidadosa. Hurst *et al.* (2021), em amostra de 1.121 estudantes de graduação e pós-graduação, encontraram resultados apenas parcialmente compatíveis com a hipótese de que a tensão acadêmica explique o uso não médico. Isso indica que provas, prazos e sobrecarga são relevantes, mas não suficientes para compreender a prática. Estudos com avaliação no cotidiano reforçam esse caráter situacional: Barringer e Papp (2022) identificaram associação entre acontecimentos acadêmicos imediatos e uso inadequado, enquanto Schepis *et al.* (2021) demonstraram que fatores momentâneos e características prévias contribuem para a frequência de consumo.

Também não se sustenta a ideia de que os usuários recorrem aos estimulantes somente por não possuírem métodos de estudo. Holm, Hausman e Rhodes (2022) observaram que maior número de estratégias de estudo, uso de estratégias consideradas eficazes e maior importância atribuída à vida acadêmica se associaram a maior probabilidade de uso inadequado. O medicamento parece ser incorporado, em alguns casos, como um recurso adicional por estudantes fortemente orientados ao desempenho, e não apenas como substituto de hábitos acadêmicos insuficientes.

Os estudos recentes descrevem riscos que ultrapassam os efeitos farmacológicos imediatos. Fairman *et al.* (2021) registraram dificuldades para iniciar o sono, redução do apetite, ansiedade e inquietação entre usuários. No estudo brasileiro de Moreira *et al.* (2024), taquicardia, insônia e agitação figuraram entre as manifestações relatadas; 77% dos participantes que utilizavam os medicamentos informaram aquisição sem prescrição. A ausência de avaliação clínica dificulta a identificação de contraindicações, interações e condições que exigiriam acompanhamento.

As alterações do sono merecem atenção porque o prolongamento da vigília é uma das razões mais citadas para o consumo. Embora permanecer acordado amplie temporariamente o tempo disponível, a privação ou fragmentação do sono pode prejudicar atenção sustentada, regulação emocional e consolidação da aprendizagem. Wong *et al.* (2023), em levantamento nacional com 40.645 universitários, encontraram uso inadequado em 8% da amostra e associação com sonolência diurna e dificuldades acadêmicas, além de diagnósticos ou tratamentos relacionados à depressão, anorexia, TDAH e transtornos por uso de substâncias.

O consumo concomitante de álcool e outras drogas aparece de forma recorrente. Wong *et al.* (2023) observaram aumento expressivo da probabilidade de uso inadequado entre estudantes que relataram uso recente de outras substâncias. Fairman *et al.* (2021) também identificaram associação com tabaco e cannabis. Esses achados não autorizam concluir que o estimulante cause o uso de outras drogas, mas mostram que o comportamento pode integrar um padrão mais amplo de exposição a riscos.

Cole e Hussong (2020), ao compararem 1.534 universitários com diferentes perfis de consumo, verificaram que dificuldades psicossociais e consequências relacionadas a drogas estavam fortemente vinculadas ao uso combinado de substâncias. A análise sugere que o uso de estimulantes não deve ser interpretado isoladamente, pois parte da vulnerabilidade observada decorre da coexistência de outros comportamentos. De forma complementar, Francis *et al.* (2022) encontraram maior frequência de uso inadequado entre estudantes com TDAH e identificaram os sintomas de desatenção como principal preditor após o controle de ansiedade e depressão.

Esses dados reforçam duas precauções. A primeira é evitar atribuir causalidade direta a associações observadas em estudos transversais e autorreferidos. A segunda é distinguir o uso não médico do tratamento indicado. Estudantes com diagnóstico clínico podem necessitar de farmacoterapia e acompanhamento regular; o problema discutido refere-se ao compartilhamento, ao consumo sem prescrição ou à alteração deliberada da forma de uso.

A justificativa acadêmica é frequente, mas a eficiência da prática permanece pouco sustentada por medidas objetivas. A revisão de Sharif *et al.* (2021) mostrou que os estudos sobre aprimoramento cognitivo utilizam substâncias, amostras e desfechos muito diferentes, o que limita conclusões gerais. Em muitos trabalhos, o benefício é avaliado pela percepção do próprio estudante, não por notas, aprendizagem duradoura ou aprovação.

Os achados de Holm, Hausman e Rhodes (2022) mostram que usuários podem estar envolvidos com os estudos e empregar estratégias acadêmicas variadas; entretanto, essa associação não demonstra que o medicamento produza melhor desempenho. Da mesma forma, Francis *et al.* (2022) analisaram estratégias, funcionamento psicológico e média acadêmica, mas seus resultados destacaram fatores clínicos associados ao uso inadequado, sem estabelecer vantagem acadêmica atribuível ao consumo.

A evidência experimental mais direta foi apresentada por Sambeth, Toth e Blokland (2026). Em universitários saudáveis, o metilfenidato foi administrado antes da aprendizagem ou antes de uma avaliação experimental. Não houve diferença na nota média, no número de participantes aprovados ou no desempenho das questões em comparação ao placebo. O resultado questiona a crença de que o aumento subjetivo da disposição se converte automaticamente em melhor resultado em prova.

É necessário, portanto, separar vigília, sensação de foco e aprendizagem efetiva. Um estudante pode sentir-se mais ativo e estudar por mais tempo sem obter maior compreensão ou retenção. A falsa equivalência entre produtividade percebida e rendimento real pode manter o comportamento, mesmo quando os benefícios são incertos e os riscos estão presentes.

A prevenção deve abordar tanto os riscos quanto as crenças que sustentam o consumo. Campanhas limitadas à enumeração de efeitos adversos podem ter pouco alcance quando o estudante acredita que o uso é necessário para competir ou cumprir suas obrigações. As evidências de Hurst *et al.* (2021), Barringer e Papp (2022) e Schepis *et al.* (2021) indicam que intervenções devem considerar períodos de avaliação, gerenciamento do tempo, habilidades de estudo e formas saudáveis de enfrentar estresse e fadiga.

As instituições também podem ampliar o acesso a apoio psicológico, orientação acadêmica e avaliação clínica para estudantes com sintomas persistentes de desatenção ou sofrimento mental. A associação institucional observada por Summit *et al.* (2025) reforça a importância de práticas seguras de prescrição e de orientações contra o compartilhamento de medicamentos. Moreira *et al.* (2024) demonstram que a obtenção sem receita e o uso concomitante de substâncias constituem pontos prioritários para ações educativas.

A literatura analisada apresenta limitações. Predominam delineamentos transversais, amostras de conveniência e informações autorreferidas, além de diferenças na definição de uso não médico. Há concentração de estudos nos Estados Unidos e na Europa, e parte das pesquisas brasileiras envolve cursos da saúde. Essas características restringem a comparação entre prevalências e a generalização para todos os universitários. Ainda assim, a convergência dos resultados sustenta a necessidade de prevenção, acompanhamento e produção de estudos longitudinais no contexto brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão indica que o uso não médico de psicoestimulantes entre universitários está principalmente relacionado à busca por concentração, energia, prolongamento da vigília e adaptação às exigências acadêmicas. A prática ocorre em diferentes instituições e não se limita a estudantes de uma área específica, embora sua frequência varie conforme a população e o critério adotado.

Os possíveis ganhos percebidos coexistem com efeitos adversos, uso sem supervisão, obtenção informal e associação com sofrimento psíquico e outras substâncias. Ao mesmo tempo, as evidências recentes não confirmam melhora acadêmica objetiva consistente. O estudo experimental mais direto não demonstrou aumento da nota ou da aprovação com metilfenidato em estudantes saudáveis.

Dessa forma, estratégias universitárias devem combinar educação sobre uso racional de medicamentos, prevenção do compartilhamento, apoio à saúde mental e intervenções voltadas ao planejamento dos estudos e ao manejo da sobrecarga. A resposta institucional deve preservar o acesso ao tratamento de quem possui indicação clínica, sem normalizar o consumo de psicoestimulantes como solução para as pressões da vida acadêmica.

REFERÊNCIAS

BARRINGER, Alexandra; PAPP, Lauren M. Academic factors associated with college students' prescription stimulant misuse in daily life: an ecological analysis of multiple levels. **Journal of American College Health**, v. 70, n. 7, p. 2008-2016, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1080/07448481.2020.1841774>. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC8255324/>. Acesso em: 13 ago. 2026.

COLE, Veronica T.; HUSSONG, Andrea M. Psychosocial functioning among college students who misuse stimulants versus other drugs. **Addictive Behaviors**, v. 105, 106290, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2020.106290>. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7247773/>. Acesso em: 13 ago. 2026.

FAIRMAN, Robert T. *et al.* Prescription stimulant use among young adult college students: who uses, why, and what are the consequences? **Journal of American College Health**, v. 69, n. 7, p. 767-774, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1080/07448481.2019.1706539>. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7363509/>. Acesso em: 13 ago. 2026.

FRANCIS, Alyssa R. *et al.* Outcomes and predictors of stimulant misuse in college students with and without ADHD. **Journal of Attention Disorders**, v. 26, n. 5, p. 779-793, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1177/10870547211027650>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34189993/>. Acesso em: 13 ago. 2026.

HOLM, Abby Johnson; HAUSMAN, Hannah; RHODES, Matthew G. Study strategies and “study drugs”: investigating the relationship between college students' study behaviors and prescription stimulant misuse. **Journal of American College Health**, v. 70, n. 4, p. 1094-1103, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1080/07448481.2020.1785472>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32672517/>. Acesso em: 13 ago. 2026.

HURST, James N. *et al.* Medicate to graduate: academic strain and nonmedical prescription stimulant use among graduate and undergraduate students. **Journal of Drug Issues**, v. 51, n. 1, p. 196-217, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1177/0022042620961358>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0022042620961358>. Acesso em: 13 ago. 2026.

MITCHELL, Hannah G. *et al.* Motives for nonmedical use of prescription stimulants in community college students. **Journal of American College Health**, v. 72, n. 9, p. 3556-3563, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1080/07448481.2023.2180997>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36862548/>. Acesso em: 13 ago. 2026.

MOREIRA, Joyce Emanuelle *et al.* Adverse events and safety concerns among university students who misused stimulants to increase academic performance. **einstein (São Paulo)**, v. 22, eAO0895, 2024. DOI: https://doi.org/10.31744/einstein_journal/2024AO0895. Disponível em: <https://journal.einstein.br/article/adverse-events-and-safety-concerns-among-university-students-who-misused-stimulants-to-increase-academic-performance/>. Acesso em: 13 ago. 2026.

RODRIGUES, Laís de Aquino *et al.* Uso não prescrito de metilfenidato por estudantes de uma universidade brasileira: fatores associados, conhecimentos, motivações e percepções. **Cadernos Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 4, p. 463-473, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1414-462X202129040437>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/XrqXKnTrzhLQRc887z6h39y/?lang=pt>. Acesso em: 13 ago. 2026.

SABBE, Martine *et al.* Use and misuse of prescription stimulants by university students: a cross-sectional survey in the French-speaking community of Belgium, 2018. **Archives of Public Health**, v. 80, n. 1, art. 54, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1186/s13690-022-00816-3>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1186/s13690-022-00816-3>. Acesso em: 13 ago. 2026.

SAMBETH, Anke; TOTH, Monika; BLOKLAND, Arjan. Methylphenidate (Ritalin) does not improve exam performance in an experimental setting. **Psychopharmacology**, v. 243, n. 3, p. 593-600, 2026. DOI: <https://doi.org/10.1007/s00213-025-06864-1>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s00213-025-06864-1>. Acesso em: 13 ago. 2026.

SCHEPIS, Ty S. *et al.* Predicting college student prescription stimulant misuse: an analysis from ecological momentary assessment. **Experimental and Clinical Psychopharmacology**, v. 29, n. 6, p. 580-586, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1037/pha0000386>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32463280/>. Acesso em: 13 ago. 2026.

SHARIF, Safia *et al.* The use and impact of cognitive enhancers among university students: a systematic review. **Brain Sciences**, v. 11, n. 3, art. 355, 2021. DOI: <https://doi.org/10.3390/brainsci11030355>. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC8000838/>. Acesso em: 13 ago. 2026.

SUMMIT, Alynna G. *et al.* Prevalence of pharmacotherapy for attention-deficit/hyperactivity disorder and prescription stimulant misuse: a national study of US college students. **Addiction**, v. 120, n. 4, p. 721-731, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1111/add.16716>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/39552232/>. Acesso em: 13 ago. 2026.

WONG, Sylvia H. M. *et al.* Prevalence and correlates of prescription stimulant misuse among US college students: results from a national survey. **The Journal of Clinical Psychiatry**, v. 84, n. 1, 22m14420, 2023. DOI: <https://doi.org/10.4088/JCP.22m14420>. Disponível em: <https://www.psychiatrist.com/jcp/prevalence-correlates-prescription-stimulant-misuse-us-college-students-results-national-survey/>. Acesso em: 13 ago. 2026.